



## **FACULDADE DE TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO**

### **Graduação**

### **GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

#### **Jogos e brincadeiras como ferramentas auxiliares para a inclusão da criança com Síndrome de Down**

Ana Paula Pedro Viana  
Prof<sup>a</sup> Roberta Granchi Dias Heinzl (Orientadora)

#### **RESUMO**

O objetivo principal desta pesquisa é analisar como os jogos e brincadeiras podem ser atividades de interação e contribuição para o desenvolvimento cognitivo e emocional em alunos com Síndrome de Down, dentro de instituições regulares. Assim, ressalta-se as características particulares da Síndrome e a importância de desenvolver os aspectos sócio afetivos e cognitivos desses estudantes dentro da instituição de ensino regular, na forma de inclusão. Para este trabalho foi utilizado uma revisão bibliográfica. Diante desses fatos, o resultado pretendido para este trabalho foi orientar a sociedade, a família, a escola e os demais interessados no assunto uma vez que esse assunto interessa aos responsáveis que ingressam seu filho no âmbito escolar e aos demais profissionais que convivem com esse cotidiano.

**Palavras-chave:** Inclusão. Jogos. Brincadeiras. Síndrome de Down.

#### **ABSTRACT**

The main objective of this research is to analyze how games and games can be activities of interaction and contribution to cognitive and emotional development in students with Down syndrome, within regular institutions. Thus, the particular characteristics of the Syndrome and the importance of developing the socio-affective and cognitive aspects of these students within the regular educational institution, in the form of inclusion, are emphasized. Since this work was used a bibliographic review. Faced with these facts, the intended result for this work was to guide society, the family, the school and other stakeholders, such as those

responsible for entering their child in school and other professionals who live with this daily life.

**Keywords:** Inclusion. Games. Just kidding. Down's syndrome.

## Introdução

A cada ano que passa, temos mais avanços na história da educação inclusiva. O estudante com necessidade especial que antes frequentava apenas as escolas especiais, hoje está sendo incluído nas escolas regulares, trazendo um grande avanço em toda educação.

Considerando a escola como veículo fundamental para construção de pensamento, discutir os jogos e brincadeiras como principais atividades de interação, contribuição do desenvolvimento cognitivo e emocional em alunos com síndrome de Down, é importante.

Segundo a Secretaria da Educação (1985, p. 5):

[...] a criança exprime seu estado afetivo do momento por palavras, comportamentos e atitudes, transferindo seu estado emocional ou sua afetividade para brinquedos, brincadeiras, desenhos, dramatizações, etc. Através delas as crianças se unem, trabalham juntas, convivendo em harmonia, estabelecendo a cooperação, reciprocidade e respeito mútuo.

Jogos e brincadeiras possibilitam a construção da autonomia para realizar e criar novas brincadeiras, além de ser um momento privilegiado de interação entre as crianças de iguais e diferentes idades.

As pessoas com síndrome de Down possuem limitações físicas e psicológicas que nem sempre as impedem de desenvolver determinadas atividades, mas geram preconceitos individuais e coletivos devido à falta de conhecimento da população a respeito das necessidades e características desse grupo social (PUESCHEL, 1993; NERI, 2003).

O estudo presente realizou uma análise bibliográfica sobre a Síndrome de Down e a importância de desenvolver os aspectos sócio afetivos e cognitivos desses estudantes usando jogos e brincadeiras como meios facilitadores de ensino-aprendizado e interação.

De acordo com Almeida (1990, p. 79),

[...] brincar não é um ato ingênuo, indefinido, imprevisível, mas um ato histórico (tempo), cultural (valores), social (relações),

psicológico (inteligente), afetivo e existencial (concreto) e acima de tudo político, pois, numa sociedade de classes, nenhuma ação é simplesmente neutra, sem consciência de seus propósitos.

Portanto o artigo tem como objetivo geral analisar como os jogos e brincadeiras facilitam a inclusão de crianças com Síndrome de Down na rede regular de ensino. Assim, a fim de desenvolver tal estudo traçou-se como objetivo específico: compreender a síndrome de Down com mais clareza, jogos e brincadeiras com instrumentos como auxiliares no processo de aprendizagem e na interação através das intervenções pedagógicas.

As relações entre o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor da criança têm sido bastante discutidos em diferentes perspectivas teóricas, de modo que os estudos têm demonstrado que afetividade e inteligência caminham juntas no processo de construção da personalidade da criança. Estes são aspectos indissociáveis, intimamente ligados e influenciados pela socialização. Consequentemente, essa relação tem influências sobre a aprendizagem escolar.

A pesquisa será descrita em forma de artigo científico e dividida em três seções. A primeira aborda sobre a Síndrome de Down; a segunda evidencia a contribuição dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento cognitivo do sujeito e a terceira, as interações sociais e afetivas através dos jogos e brincadeiras com a intervenção do professor. Por fim, as considerações finais.

## **1 Inclusão de crianças com Síndrome de Down e suas características**

A idealização principal da inclusão escolar é acolher todas as pessoas, sem exceção, no sistema de ensino, independentemente de cor, classe social e condições físicas e psicológicas. Inserir uma criança com Síndrome de Down ou qualquer outra deficiência, em uma escola regular requer um reconhecimento e valorização da heterogeneidade dos mesmos, onde se busca desenvolver potencialidades diferentes em cada um, respeitando sua singularidade, através de uma prática de ensino flexível e adaptável e que busca centralizar suas aptidões, habilidades e competências.

As instituições de ensino necessitam conhecer de forma clara a premissa da diferença entre integração e inclusão. Integrar um aluno na escola é deixá-lo fazendo parte das atividades diárias do espaço escolar, sem pensar em suas

características singulares; incluir é aceitar o aluno, suas especialidades, seus limites e preparar os múltiplos ambientes da escola para recebê-lo e, efetivamente, fazê-lo participar com os demais alunos, porém respeitando suas necessidades e limites nos espaços e nas próprias atividades. Quando nos referimos a seres humanos estamos falando de heterogeneização, diversificação de habilidades. Ensinar de forma como se todos fossem homogêneos é legitimar um processo de exclusão através de práticas educacionais, que reproduzem uma ordem social apenas de grupos que podem alcançá-las, como privilégio de alguns e não direito de todos.

Conforme Mader (1997) é necessário construir uma política de igualdade com seriedade e responsabilidade, possibilitando ações significativas e de qualidade na prática de educação inclusiva.

E quando nos referimos inserção de alunos com Síndrome de Down em classe comum, onde as diferenças físicas parecem ser mais evidentes, não podemos pensar que é um “passe de mágica”. É uma conquista que tem que ser feita com muito estudo, trabalho e dedicação de todas as pessoas envolvidas no processo.

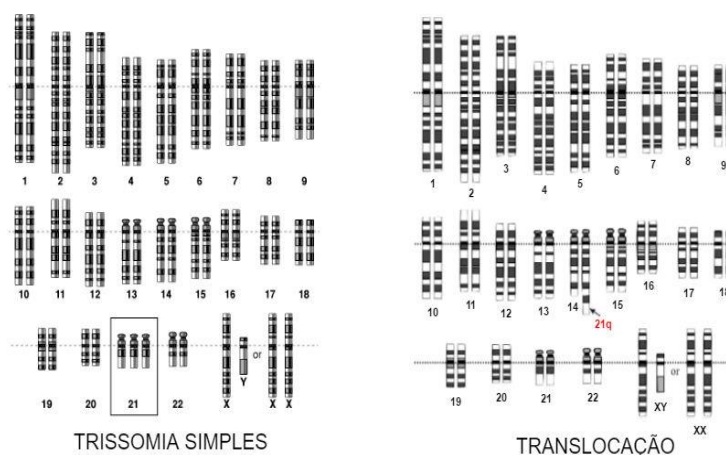
Outra dificuldade da inclusão é que esses alunos eram muitas vezes matriculados em tempo integral em instituições especiais, as APAES onde quase nunca eram vistos. A diferença física é nítida nesses casos devido as características próprias da síndrome, portanto deve ser trabalhada de forma eficaz para extinguir o preconceito.

A seguir, estão descritas as principais características da Síndrome de Down:

### **1.1 Definição de Síndrome de Down**

A Síndrome de Down (em homenagem a Langdom Down) é uma anormalidade genética, trata-se de uma desordem cromossômica que se caracteriza pela trissomia do cromossomo 21, ou seja, os sindrômicos apresentam três cromossomos 21, ao invés de dois.

Como apresenta a imagem:



## 1.2 Características

Para Rodrigues (2012), os traços mais característicos da alteração são sinais físicos que permitem reconhecer a presença da mutação. Os mais importantes desses sinais físicos são:

- Hipotonia (quantidade de tensão ou resistência ao movimento de músculos anormalmente baixo, geralmente envolvendo redução da força muscular);
- Prega única na palma das mãos (prega única que se estende ao longo da palma da mão, formada pela fusão das três pregas palmares);
- Perfil achatado (rosto achatado para dentro);
- Orelhas pequenas;
- Olhos com fendas palpebrais oblíquas (um espaço delimitado pelas pálpebras superior e inferior);
- Língua grande, profusa (que se espalha com abundância e sulcada (que apresenta fendas));
- Encurvamento dos quintos dígitos (curva no dedo);
- Aumento da distância entre o primeiro e o segundo artelho (distância do primeiro para o segundo dedo);

## 1.3 Associação de outras complicações

A anomalia genética da Síndrome de Down pode vir combinada com outras doenças, como explica Magalhães (2015):

- a) Problemas relacionados ao coração (Cardiopatias): cerca de 40% dos indivíduos possuem alguma malformação no coração, sendo esta a

principal causa de morte em crianças com Síndrome de Down. As mortes ocorrem, em especial, nos primeiros anos de vida. Em geral, existem cirurgias que, quando realizadas a tempo e com sucesso, aumentam em muito a expectativa de vida desses indivíduos

- b) Malformações gastroenterológicas: estas são comuns e acontecem em cerca de 12% dos casos. A malformação mais frequente é a atresia duodenal, mas também há estenose pilórica, doença de Hirschsprung e fístulas traque esofágicas. Essas condições podem facilitar o desenvolvimento de refluxo gastroesofágico.
- c) Hipotonia: ocorre em recém-nascidos e se caracteriza por fraqueza muscular, que podem gerar complicações como dificuldade para mamar no peito e constipação, por conta da fraqueza da musculatura intestinal.
- d) Demência: essa comorbidade ocorre devido às limitações intelectuais. As pessoas com Síndrome de Down têm um risco maior de demência, com sintomas que começam por volta dos 50 anos de idade. Há, também, um aumento nas chances de desenvolver mal de Alzheimer.
- e) Problemas nos olhos e dentes: esses indivíduos podem apresentar catarata e glaucoma, prejudicando a visão. Quanto às questões odontológicas, os dentes costumam ser pequenos, com espaçamentos irregulares e formas incomuns. A presença de língua profusa dificulta a amamentação e a fala.
- f) Hipotireoidismo: Devido à baixa imunidade celular, infecções como otites podem se fazer mais frequentes, assim como pode haver hipertrofia das adenoides e amígdalas. Não obstante, casos de leucemia.

#### **1.4 Causas**

A doença não tem causa aparente, pode ocorrer com todas as famílias, ainda não foi comprovado cientificamente que fator, ou fatores levam à ocorrência do nascimento de crianças com a síndrome, nem a idade da mãe é levada em consideração.

Segundo Stratifort (1997, p .73):

Muito foi escrito sobre a idade materna e Síndrome de Down, mas muito também se configura como folclore. Devo dizer inicialmente que a maioria das crianças com Síndrome de Down,

nascem de mães com idades entre dezenove e vinte e seis anos. Porém considera-se que as mulheres com mais de 40 anos têm tendência a ter filho com anomalias cromossômicas, mas nesta faixa etária, as possibilidades de acontecer uma gestação, já são mais limitadas.

## 1.5 Diagnóstico

Para Romero (2014) o diagnóstico da Síndrome de Down pode ser feito durante a gravidez através de exames específicos como:

- Translucêncianucal (é uma medida tirada no ultrassom morfológico do primeiro trimestre, um exame de rotina).
- Cordocentese (mostra de sangue fetal, é um exame de diagnóstico pré-natal, feito a partir das 18 ou 20 semanas de gestação, em consiste na retirada uma amostra de sangue do bebê a partir do cordão umbilical, para detectar alguma deficiência cromossômica no bebê ou algumas doenças)
- Amniocentese (é um método de diagnóstico pré-natal que consiste na aspiração transabdominal duma pequena quantidade de fluido amniótico da bolsa amniótica, que envolve o feto) que nem toda grávida precisa fazer. A gestação ocorre da mesma forma, mas é provável que os médicos solicitem mais exames para sempre analisar a saúde do bebê.

## 1.6 Tratamento

Com o avanço da medicina, é possível garantir maior qualidade de vida para aqueles que nascem com a Síndrome de Down. Como vimos, há peculiaridades que são características da deficiência, portanto há algumas restrições. O quanto antes, procurarmos ajuda de uma equipe multiprofissional, melhor será o desenvolvimento do sujeito.

Considera Pueschel (1995, p. 39) que:

Cada família deve decidir, com o apoio de consultoria profissional, o que é melhor para seu filho. Crianças com Síndrome de Down diferem muito entre si quanto à sua comunicação, desenvolvimento motor, socialização e habilidades de vida diária. As necessidades da criança devem ser avaliadas para corresponder aos programas disponíveis.

A família tem um papel especial na formação desse sujeito. Os pais, ao gerarem uma criança, espera que ela seja saudável acima de qualquer outro fator, como o sexo, ou características particulares oriundas do pai ou da mãe.

O bebê ao ser planejado, já faz parte da rotina e dos planos futuros de toda a família. É uma espera do desenvolvimento das fases.

Conforme nos indica Jerusalinsky (2006, p. 151):

O desenvolvimento da criança é considerado de modo linear, como a série de aquisições que se sucedem no tempo, bastando que a criança conte com certa idade (tempo cronológico) e as condições para que, desde o encontro com o meio favorável que a depara com necessidades, exercite diferentes esquemas e realize uma acumulação que levaria a uma melhor adaptação.

Ao nascer uma criança que necessite de cuidados especiais, o medo e, às vezes até preconceito advém da própria família, a não aceitar esse fato trazendo complicações para o desenvolvimento desse sujeito.

Segundo Mannoni (1999, p. 36):

A irrupção da realidade de uma imagem de corpo enfermo produz um choque na mãe: no momento em que, no plano fantasmático, o vazio era preenchido por um filho imaginário, eis que aparece o ser real que, pela sua enfermidade, vai não só renovar os traumatismos e insatisfações anteriores, como também impedir posteriormente, no plano simbólico, a resolução para a mãe do seu próprio problema de castração.

Inconscientemente, os pais gostariam que o filho tivesse o mesmo avanço que as outras crianças e a ideia de eles necessitarem de cuidados especiais faz com que haja uma superproteção para não sofrer nenhum tipo de preconceito ou exclusão que dificulta o desenvolvimento da criança. É essencial que a preparação deve ser para adaptar-se a rotina a sua volta, ao mundo. Gerando limites e responsabilidades, respeitando seu tempo e suas limitações.

## **2 O desenvolvimento por meio dos jogos e brincadeiras**

O processo educativo e o desenvolvimento do sujeito com necessidade especial, envolve vários fatores relevantes a serem compreendidos. A socialização, a inclusão e as atividades pedagógicas desse aluno; todas influenciam no processo escolar.



Segundo Carvalho (2007), a educação inclusiva defende uma escola aberta a todos, uma vez que nossa sociedade é plural e democrática, oferecendo subsídios e iguais oportunidades para que os alunos ingressem, permaneçam e, principalmente, participem do processo de aprendizagem, sendo protagonistas do próprio conhecimento.

Os jogos e brincadeiras estão presentes na maioria das atividades desenvolvidas no contexto escolar e garantem bastantes benefícios para a instituição escolar.

De acordo com Vygotsky (1998, p. 130):

A criação de uma situação imaginária não é algo fortuito na vida da criança; pelo contrário, é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais. O primeiro paradoxo contido no brinquedo é que a criança opera com um significado alienado numa situação real. O segundo é que, no brinquedo, a criança segue o caminho do menor esforço – ela faz o que mais gosta de fazer, porque o brinquedo está unido ao prazer – e ao mesmo tempo, aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se a regras e, por conseguinte renunciando ao que ela quer, uma vez que a sujeição a regras e a renúncia a ação impulsiva constitui o caminho para o prazer do brinquedo.

O jogo possibilita a construção do conhecimento enquanto a criança joga ou brinca, ela estabelece algumas metas, simboliza, explora seus estímulos, cria e é motivada. Brincando ela desenvolve seus aspectos físicos, emocionais e mentais, assim ela aprende a ser adulta.

A brincadeira é uma importante forma de comunicação, é nela que o faz de conta nos faz observar o que ela pode reproduzir e muito do seu cotidiano. São meios de entretenimento e conversação onde os grupos estabelecem muitas de suas relações.

Os jogos e brincadeiras são ferramentas enriquecedoras que estimulam e facilitam através do lazer a aprendizagem da criança. Na brincadeira a criança ultrapassa a realidade transformando a imaginação.

O brincar desenvolve a capacidade cognitiva. É por essa capacidade que a criança se integra culturalmente, adquire conhecimentos, e se apropria do mundo real. Usando sua imaginação, a criança pode ser o que ela quiser, tornando-se um adulto, um personagem de desenho animado da TV, um animal e até mesmo um super-herói. É a partir do brinquedo que a criança aprende agir

cognitivamente: “a criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação àquilo que vê. Assim, é alcançada uma condição em que a criança começa a agir independentemente daquilo que vê” (VYGOTSKY, 1998, p. 127). Como por exemplo, utilizar um lápis como uma seringa, um cabo de vassoura como um cavalo e uma espiga de milho como uma boneca.

Outro fator relevante na escolarização com jogos é brincadeiras é o espaço físico da escola. Devemos considerar todos os aspectos necessários para o processo de crescimento e desenvolvimento de habilidades da criança. Conforme Horn (2004, p. 28):

É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções [...] nessa dimensão o espaço é entendido como algo conjugado ao ambiente e vice-versa. Todavia é importante esclarecer que essa relação não se constitui de forma linear. Assim sendo, em um mesmo espaço podemos ter ambientes diferentes, pois a semelhança entre eles não significa que sejam iguais. Eles se definem com a relação que as pessoas constroem entre elas e o espaço organizado.

As crianças não precisam apenas de questões básicas como: carteiras, lousas, alimentação, higiene e limpeza. Uma boa infraestrutura, ambientes diversificados, amplos e prazerosos auxiliam no desenvolvimento. De acordo com Rego (2002, p. 47):

Um ambiente estimulante para a criança é aquele em que ela se sente segura e ao mesmo tempo desafiada, onde ela sinta o prazer de pertencer a aquele ambiente e se identifique com o mesmo e principalmente um ambiente em que ela possa estabelecer relações entre os pares. Um ambiente que permite que o educador perceba a maneira como a criança transpõe a sua realidade, seus anseios, suas fantasias. Os ambientes devem ser planejados de forma a satisfazer as necessidades da criança, isto é, tudo deverá estar acessível à criança, desde objetos pessoais como também os brinquedos, pois só assim o desenvolvimento ocorrerá de forma a possibilitar sua autonomia, bem como sua socialização dentro das suas singularidades.

É importante pensarmos no espaço para estimularmos a aprendizagem. Assim, passa necessariamente pela adequação de seus prédios ao meio ambiente, com a promoção entre o projeto pedagógico, da estrutura física e o desenvolvimento infantil. Como recomenda a Unesco (1998, p. 35; p. 29), que o prédio escolar:

[...] deve ser seguro e atraente em termos de seu projeto global, funcionalidade no lay-out; deve dar condições para que seja

efetivamente possível um ensino efetivo, atividades extracurriculares em especial em áreas carentes e rurais não atuando como um centro comunitário. Deve ser construída a escola em conformidade com padrões sanitários, tendo durabilidade, adaptabilidade e deve requerer uma manutenção, econômica.

[...] preciso enfatizar o controle local no desenvolvimento de práticas educacionais sustentáveis.

O brincar deve estar estruturado. Os prédios escolares devem ter um espaço reservado para esse ato. Há momentos e brincadeiras que as crianças precisam ter espaço para movimentar-se, e que ocorra de forma segura.

A criança participa e relaciona-se com o espaço, com os adultos e as demais crianças. Ela explora os espaços, descobre meios para brincar, interage imagina. A valorização dos espaços de diversão e vivência vai incrementar essa relação, além de propiciar uma releitura do mundo com base no conhecimento empírico.

Portanto, o brincar não é somente um momento em que a criança permanece em um canto com ou sem brinquedo e sim um momento oportuno a ser utilizado para ensinar e aprender. É neste momento em que os preparamos para a vida.

### **3 O desenvolvimento sócio afetivo do grupo por meio da utilização de jogos e brincadeiras.**

No contexto escolar podemos observar muitas vezes cenas de descaso e discriminação de crianças com necessidades educacionais especiais. Estas situações prejudicam muito o rendimento escolar e autoestima desses sujeitos, portanto devem vir à tona, para ser extinta.

Mantoan (2006, p. 45) afirma que “Em suma: as escolas de qualidade são espaços educativos de construção de personalidades humanas autônomas, críticas, onde crianças e jovens aprendem a ser pessoas”.

Muitas vezes o aluno incluso não consegue atingir o mesmo raciocínio que o aluno sem deficiência intelectual e por isso é excluído do jogo e da brincadeira.

Mills (2003, p. 257) afirma que:

O princípio que rege a educação inclusiva é o de que todos devem aprender juntos, sempre que possível, levando-se em

consideração suas dificuldades e diferenças, em classes heterogêneas, com alunos da mesma faixa etária.

Cabe ao professor conscientizar os alunos sobre o preconceito e trabalhar este problema dentro da sala de aula, desenvolvendo atividades que abranjam as diferenças. É nesse contexto que o jogo vem tomando um espaço.

“O jogo é uma escola de aprendizagem ativa e árdua e um terreno fértil para trabalhar certos costumes e valores sociais” (CALLOIS, 1990, p. 16).

Dessa maneira, as crianças aprendem a valorizar, respeitar as diferenças e compreendem por meio da convivência o respeito e a empatia ao próximo.

A criação do laço, da afetividade entre os alunos pode ser mediada pelo professor. A criança com necessidade especial, com a ajuda do brinquedo, terá a chance de relacionar-se melhor com o meio na qual ela convive, já que na brincadeira o que mais vale é o divertimento e a alegria. Não há limites para a imaginação e fantasia. A brincadeira possibilita o sujeito ser o que ele quiser.

Segundo Ide (2008) o jogo possibilita à criança deficiente mental aprender de acordo com seu ritmo e suas capacidades. Há um aprendizado significativo associado à satisfação e ao êxito, sendo este a origem da autoestima. Quando esta aumenta, a ansiedade diminui, permitindo à criança participar das tarefas de aprendizagem com maior motivação. O uso do jogo também possibilita melhor interação da criança deficiente mental com os seus coetâneos normais e com o mediador.

### **Considerações finais**

A inclusão é assunto global. Não deve ser tratada somente em âmbito escolar, este só foi mais um passo. As pessoas com necessidades especiais, que antes eram restringidas dos seus direitos, hoje estão tendo a oportunidade de conviver na sociedade, com seus direitos e deveres.

A Síndrome de Down, como vimos, tem algumas restrições que dificultam o aprendizado e muitas vezes a socialização. É nesse aspecto que os jogos e brincadeiras dão condições para melhor incluir esse aluno.

Não somos iguais. Nenhum sujeito será igual em seu processo de desenvolvimento, portanto devemos saber lidar com essas diferenças.

Vimos ao longo dessa análise e pela revisão bibliográfica a importância dessas atividades no desenvolvimento do sujeito.

A inclusão faz com que todos se desenvolvem juntos com o processo. O professor ensina e aprende mais com os alunos que necessitam de cuidados especiais, o aluno aprende com o professor e colega, imitação e observação também são formas de aprendizado e, além disso, insere essas pessoas no contexto escolar. Esse aluno que antes era isolado em escolas especiais como a APAE, convive em um contexto com múltiplas diversidades. Assim, com o decorrer do tempo, mudam-se os valores, mudam-se os conceitos e, mudam-se também, os meios de transmissão de conteúdos, as práticas pedagógicas, as políticas públicas, adequando as necessidades individuais.

A brincadeira é fundamental na vida da criança tendo ela limitações ou não, a idéia de acrescentar jogos e brincadeiras para crianças com síndrome de down pode trazer muitos benefícios como promover a inclusão com os demais colegas como o desenvolvimento de habilidades podendo ser elas motoras, cognitivas ou ambas.

Além do desenvolvimento de algumas habilidades a interação das crianças com o intuito de fazer a inclusão de uma criança com síndrome de down ainda é muito raro nas escolas, porém se todos entendessem o quanto é importante este trabalho saberiam que através de jogos e brincadeiras interativas, as demais crianças conseguiriam entender as dificuldades e superações da criança com síndrome de down e assim desenvolverem o senso de cooperação e respeito mútuo para com os colegas portadores desta síndrome.

O objetivo proposto deste trabalho foi atingido uma vez que essa pesquisa traz contribuição aos profissionais da educação e interessados na área, em nível de esclarecimento e informação sobre a Síndrome de Down, a importância da ludicidade para o desenvolvimento cognitivo e social, bem como revisão literária de autores que pesquisam sobre o tema e consolidam sobre o tema proposto.

## **Referências**

ALMEIDA, P. N. de. **Educação lúdica, técnicas e jogos pedagógicos**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

CALLOIS, R. Os jogos e os homens: **a máscara e a vertigem**. Lisboa: Cotovia, 1990.

CARVALHO, R. E. Removendo Barreiras para a Aprendizagem: **Educação Inclusiva**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HORN, Maria da Graça de Souza. Sabores, cores, sons, aromas. **A organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

IDE, S. M. O jogo e o fracasso escolar. In: KISHIMOTO, Tisuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 89-107.

JERUSALINKY, A. **Psicanálise e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 1999

MADER, G. **Integração da pessoa portadora de deficiência: a vivência de um novo paradigma**. São Paulo: Memnon, 1997.

MAGALHÃES, A. B. Dia Internacional da Síndrome de Down. **Blog da Saúde**, 2015. Disponível em: <http://www.blog.saude.gov.br/index.php/35318-dia-internacional-da-sindrome-de-down>. Acesso em: 29 maio 2018.

MANNONI, M. **A criança sua “Doença” e os Outros**. São Paulo: Via Lettera Editore Livraria, 1999.

MANTOAN, M. T. E.; PRIETO, R. G.; ARANTES, V. A. (Org.) **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006.

MILLS, N. D. **A educação da criança com Síndrome de Down**. In: SCHWARTZMAN, José Salomão. (Org). Síndrome de Down. 2. ed. São Paulo: Memnom: Mackenzie, 2003. Cap. 3, p. 232-262.

NERI, M. Retratos da Deficiência no Brasil. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, 2003.

PUESCHEL, S. **Síndrome de Down: Guia para pais e educadores**. Campinas: Papirus, 1993.

PUESCHEL, Siegfried M. **Síndrome de Down: Guia para pais e educadores**. 2. ed. Campinas: Editora Papirus, 1995. Série Educação Especial.

REGO, T. C. 2002. **Vygotsky: uma perspectiva Histórico-Cultural da Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002

RODRIGUES, Cristiane. **Os cuidados com a síndrome de down e o trabalho das entidades sociais na cidade de Assis**. 2012. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem)- Fundação Educacional do Município de Assis, Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, Assis, 2012.

ROMERO, Thais Sartori. **Os processos de ensino aprendizagem do aluno com Síndrome de Down: um Estudo no Nordeste do Pará** . 2014. 32 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação)- Universidade Tecnológica Federal do Pará, Medianeira, 2014.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Santa Catarina. Unidade Operacional de Ensino Subunidade de Educação Pré-Escolar. Boletim Nº 13. Atividade Lúdica. Janeiro/ Julho 1985.

STRATIFORD, B. **Crescendo com a Síndrome de Down**. Tradução: Lucia Helena Reilly; Revisão: Viviane Veras; Revisão técnica: A. Fernando Ribeiro, Ulysses Moraes de Oliveira. Brasília: Corde, 1997.

UNESCO – Organização das nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura / Ministério da Educação e Ciência da Espanha / Coordenadoria nacional para Integração da pessoa portadora de deficiência. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília, 1998

VYGOTSKY. **A importância do brincar na educação infantil**. 1998. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-brincar-na-educacao-infantil.htm>>. Acesso: 27 abr. de 2018